



Os Sete Eu Sou

Por JOSÉ OITICICA
(MACÁRIO PTÓKOS)

**Fraternitas Rosicruciana Antiqua
Aula Lucis Central**

Rua Sabóia Lima, 77 - Tijuca
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Cep: 20521-250

Tel: (0XX 21) 2254-7350

Site: <http://www.fra.org.br>

E-mail: fraternitas@fra.org.br

© Copyright

Os Sete

Eu Sou

Por JOSÉ OITICICA

(MACÁRIO PTÓKOS)

1958

OS SETE EU SOU

Por José Oiticica (Macário Ptókos)

O Evangelho de João, um dos documentos gnósticos mais profundos, alinha uma série de sete ocorrências em que o mestre Jesus profere, ante os discípulos, sete afirmações de Cristo, iniciadas todas por *Eu Sou*.

Até hoje, que eu saiba, não foram interpretados esotericamente os ensinamentos dessas afirmações. A única referência vem no livro *La Iglesia Gnóstica* do Dr. Krumm-Heller (1931, Berlim), pg. 104 a 106. É importante conhecer essa página e por isso vou traduzi-la:

- Os gnósticos recomendam constantemente a meditação sobre os sete *Eu Sou* do Evangelho de São João pois que, para conquistar nosso próprio *Eu*, temos de passar pela revelação do *Eu Cristo*. O presente, nossa época mesma, está enferma do *eu*. Em épocas anteriores, essa aguda enfermidade dirigia-se ao *Eu Impessoal*: mas, agora, açoita-nos terrível perigo do egoísmo.

Tanto um extremo como o outro são males condenáveis. Temos de buscar, por conseguinte, o *Eu Médio*, o *Eu em Cristo*, o *Eu da Substância Solar*, porém *conscientes em nós como tal Eu*.

Cada um *Eu Sou* diz o iniciado Rittelmeyer é remédio eficaz contra as enfermidades endêmicas do *Eu*. Busquemos, para as sete enfermidades primordiais, seus sete antídotos apropriados, a saber:

Eu sou o pão é remédio contra o egoísmo do *Eu*.
Eu sou a luz, contra o temor do *Eu*.
Eu sou o bom pastor, contra a debilidade do *Eu*.
Eu sou a porta, contra a emoção, enfermidade do *Eu*.
Eu sou a ressurreição, contra a petrificação do *Eu*.
Eu sou o caminho, a verdade e a vida, contra a pobreza do *Eu*.
Eu sou a vinha, contra a dureza irresistível, o egoísmo do *Eu*.
 Sobre todos eles, há um que a todos abarca: *Eu sou a luz*.

Meditando sobre esses sete *Eu sou* chegamos a compreender *que somos Um com o Logos Solar*, mas conservando nossa Entidade Pessoal, diferença-

da, num Eu Individual, e nele radica o Milagre, o Mistério, mediante o qual Cristo teve de oferecer-nos o Eu.

Nesses sete *Eu Sou* estão os sete sacramentos:

Eu sou a luz, o Batismo.

Eu sou a vinha e vós os sacramentos, a Comunhão.

Eu sou o bom pastor, a Confissão.

Eu sou a porta, o Matrimônio.

Eu sou o pão, a União Eucarística.

Eu sou a luz do mundo, a Ordenação dos Sacerdotes.

Eu sou a Ressurreição e a Vida, a Extrema Unção.

Observai que o primeiro dos sete é *Eu sou o Pão* e o último *Eu sou o vinho*. Quer isso dizer que entre o primeiro e o último está contido absolutamente tudo.

E é tudo quanto diz Krumm-Heller.

Notai sua última afirmação: entre *Eu sou o Pão* e *Eu sou a Vinha* está absolutamente tudo.

E assim é. Entretanto, não creio que no simples enunciado acima possamos compreender esse *absolutamente tudo*, nem atinar como processo curativo dessas afirmações.

Se me for dado o merecimento de poder-vos aclarar o significado dessas fórmulas, muito compensado me darei por vos servir em algo.

A meditação nessas sete fórmulas é realmente um dos mais exigidos e fecundos exercícios dos sábios gnósticos. Sabemos que, em geral, essas fórmulas encerram conhecimentos vários e têm várias explicações.

A que vos vou comunicar é a que, dentro dos meus estreitos limites, pude alcançar iluminado pelas próprias palavras do texto evangélicos, obscuras a princípio porém diáfanos mal perceba o entendimento uma réstia de luz ou o fio da meada.

O fundamento da realidade cristã, consiste no conflito *carne e espírito*, qual se resume no versículo 6 do capítulo III de João: "O que é nascido da carne é carne; o nascido do espírito é espírito. *Carne*, é bem claro, significa *matéria* e *matéria* resume os planos de consciência designados pelos gnósticos o *rei-*

no do Demiurgo e o reino do meio, ou na língua dos evangelhos os *infernos* e a terra. Esses infernos, segundo se lê em Mateus, constam de dois planos: as trevas e, abaixo delas, a região da sombra da morte (IV, 16). Esotericamente falando, carne é o estado de consciência do corpo físico, o mais baixo, do corpo etérico, logo acima, do corpo astral e o da mente inferior. Espírito são os planos de consciência chamados os céus: para os gnósticos, o pleroma; para os teósofos, Manas, Buddhi e Atma.

Essa oposição *carne-espírito* é todo o drama do cristianismo. A carne representa o estado resultante da descida ou queda da mônada divina na matéria, por densificação progressiva da *substância* de que se foi revestindo desde o antigo Saturno, através do antigo Sol e da antiga Lua.

A descida ou queda operou-a o chamado Arcanjo Mau, Lúcifer, um dos dois grandes luminares do Sol.

Atingido o plano da *região da sombra da morte*, o físico feito *carne* e mineralizado em osso; iria tudo, por atuação constante das forças luciferinas, à mineralização total, isto é, a parar na *região da morte*.

Fez-se, então, necessária a intervenção do outro pólo solar, o pólo evolutivo, Cristo, para superar as energia descendórias, materializantes, fazendo reverter o homem, a mônada infernalizada, aos planos do espírito.

O quarto evangelho, o de João, é a súpula ou compêndio dos principais ensinamentos de Cristo, por boca de Jesus aos discípulos. O próprio evangelista avisa-nos de que seu evangelho está longe de reproduzir todo o ensino do mestre. Seria necessária para isso, diz ele, uma série interminável de livros.

Ora, os sete *Eu Sou* não são mais que a condensação da doutrina de Cristo, isto é, sua instrução mais exata e curta de como proceder qualquer discípulo a ascensão por intermédio da força cristônica, a energia solar positiva por ele trazida à terra, isto é, ao plano em que o *ego humano* despertou, o mental inferior.

Nosso ponto de partida será o versículo 3 do capítulo III de João. O padre Antonio Pereira de Figueiredo, traduziu para português o que se acha na vulgata latina, assim diz: “Em verdade, em verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo”.

Ora, essa tradução é um dos numerosos pontos de consciente deturpação

do texto grego.

Não existe no original essa palavra de novo; a palavra é $\alpha \nu \omega \theta \epsilon \nu$ (ánóthen) que de modo algum, significa *de novo*, *outra vez*. A palavra corrente nos evangelhos para *de novo* é $\pi \alpha \lambda ι \nu$. (pálin) usadíssima em grego. Às vezes aparece $\delta \epsilon \upsilon \tau \epsilon \rho \nu$ ou $\epsilon \chi \delta \epsilon \upsilon \tau \epsilon \rho \nu$ (dêuteron ou ek dêuteron) (Marcos, XIV, 72). A palavra $\alpha \nu \omega \theta \epsilon \nu$ (ánóthen), sem possível dúvida, significa *de cima*. De modo que o versículo deve ser traduzido assim: “Em verdade, em verdade te digo, se alguém não nascer *de cima* não pode ver o reino de Deus”. Como os teólogos não puderam entender esse *de cima* transformaram-no em *de novo* através de incríveis sofismas. Para atinar com esse *de cima*, basta ler o seguinte período do *Apocalipse* de James Pryre, p. 19: “Esse processo de autoconquista transcendental, ao dar nascimento a si mesmo como ser espiritual desenvolve, da essência oculta de vossa própria natureza embrionária, um corpo imortal e luminoso, finalidade única do *Apocalipse* e dos quatro evangelhos. Daí ter dado João um desenvolvimento quase completo do processo psicofisiológico de regeneração ou , como lhe chama em seu evangelho: o *nascimento de cima*”.

Aula Lucis Central

O ponto de partida pois é esse nascimento de cima. Porém, Nicodemos, a quem Jesus respondia, não tendo entendido a resposta, perguntou como poderia um velho nascer *de novo* do ventre materno. Na fala de Nicodemos, aparece o *de novo*, este agora, correto, com a palavra $\delta \epsilon \upsilon \tau \epsilon \rho \nu$ (dêuteron) que significa *segunda vez*. Foi dessa pergunta ignara de Nicodemos que a teologia tirou o *de novo* para pô-la na boca de Jesus. Ora, Jesus insistiu explicando a Nicodemos o que era *nascer de cima*. Está no versículo 5: “Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo, se alguém não nascer de água e espírito, não pode entrar no reino de Deus”.

Notai que não se diz *da água*, nem *do espírito* e muito menos *do Espírito Santo*.

As deformações dos teólogos são desastrosas e freqüentes. Jesus refere-se claramente a dois, dos cinco batismos dos anunciados por João Batista, o por água e o pelo Espírito.

Esse nascer de cima é que possibilita a promessa de Cristo em João XII, 32: “E eu, sendo exaltado da terra, atrairei todas as cousas a mim”.

Esse nascimento *de cima* faz supor um nascimento *de baixo*, o único, de certo, conhecido de Nicodemos. E, evidentemente, existe. Todo o drama cristão se concentra nessas duas nascenças contrapostas e tão bem caracte-

rizadas por João no citado versículo 6, nesse mesmo ensino a Nicodemos: “O nascido da carne é carne e o nascido do espírito é espírito”.

É esse nascimento da carne, o de todos nós a cada existência nova, o nascer *de baixo*.

Todos somos gerados por impulso de corpos físicos, atuados pelo desejo sexual egoísta, do astral inferior, isto é, na *terra*. Nosso nascimento segue, portanto, um sentido de baixo para cima. O nascimento pela carne é pois o nascer *de baixo*. O nascer de cima é receber o impulso da energia espiritual de atração, essa de que falou Cristo pela boca de Jesus no versículo 32 do capítulo 12. Contra as forças luciferinas, atuantes na carne pelos desejos, o discípulo de Cristo recebe a força cristônica ascensora.

Nessa contraposição, repito, se acha todo o mistério cristão.

Ora, os quatro evangelhos e o *Apocalipse*, documentos básicos do cristianismo gnóstico são o catecismo esotérico desse mistério.

Eles nos descrevem os planos da ascensão e nos indicam precisamente o processo psico-fisiológico dessa exaltação.

Uma das grandes lições são os sete *eu sou* do evangelho de João.

Vejamos.

O ponto de partida do primeiro *eu sou* está no evangelho de João, capítulo VI, versículo 26. É o capítulo do milagre da multiplicação dos pães. O povo ocorreu a ver Jesus e ele disse: “Em verdade, em verdade, vos digo que vós me buscais, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes fartos”. E segue-se o versículo 27: “Trabalhai, aconselha Jesus, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará”.

Logo, há duas comidas, uma perecível e outra imperecível. E como os do povo disseram que Moisés lhes dera o maná, o pão do céu, Jesus contestou: 32 “Em verdade, em verdade, vos digo, Moisés não vos deu o pão do céu mas meu Pai é o que vos dá o verdadeiro pão do céu”.

Se Moisés não deu pão do céu, deu, no maná, puro pão da terra. Deu pão a quem nasce *de baixo* e não pão a quem nasce *de cima*. Deu pão *não verdadeiro*; só o Cristo veio trazer ao homem o pão verdadeiro. No versículo 33,

esse pão verdadeiro é chamado de *pão de Deus*. É um pão, notai bem, *descido do céu* e não *subido do inferno*. Um pão subido do inferno é o alimento usado pelo homem, tomado a plantas e animais.

Agora, uma pergunta: “Onde atuará esse pão subido dos infernos?” A resposta será: “No corpo físico”. Onde atuou o maná servido aos hebreus por Moisés?

No corpo físico. Todavia esse pão era a *comida que perece* do versículo 27.

Observai bem o versículo 33. Aí se ensina que o pão de Moisés, comida perecível, não dá vida ao mundo, porque vida ao mundo só a dá o pão de Deus.

Mas o pão de Moisés não dá vida? E para que, então, o comem os homens? O pão de Moisés dá vida mas somente ao corpo físico; não dá vida *ao mundo*. Sabeis que, nos evangelhos, *o mundo* são todos os veículos humanos. Com o pão vindo dos infernos, comida que perece, alimenta-se o corpo, mas este corpo morre como no deserto morreram os hebreus: com o pão do céu viverá o mundo.

Quem trouxe e traz perenemente esse pão? O Cristo. Esse pão verdadeiro é um pão para os que nascem *de cima*. O pão de Moisés era para os que nascem de baixo.

Então, nos versículos 35 ao 48, diz Cristo, com palavras de Jesus: “Eu sou o pão da Vida”. No versículo 51, já não diz: *o pão da vida*, diz: eu sou *o pão vivo* descido do céu. Não há tempo de explicar-vos a diferença e passemos logo ao versículo 54 onde o Cristo ensina: “Se não comerdes a carne do Filho e não beberdes o seu sangue não tereis vida em vós”. Os versículos seguintes insistem nisso, nessa necessidade de comer *outra* carne e beber *outro* sangue, uma carne e um sangue descidos do céu, porque essa carne e esse sangue, não sendo comida perecível, dá vida eterna.

Mas, pergunto eu, se o pão proveniente dos infernos, o pão de Moisés, é carne e sangue incapaz de comunicar vida eterna pois atua no vosso corpo perecível, qual o processo de obtermos nós a vida eterna com o pão vivo descido do céu? Atuará ele em nosso corpo?

Esse o primeiro mistério. Esse primeiro *eu sou* instrui-nos, esotericamente da contraposição de um corpo novo, nascido *de cima*, ao nosso corpo terre-

nal, nascido *de baixo*. Todos nós temos um átomo desse corpo submerso em nosso corpo terrenal. Podemos chamar *pão morto* ao pão perecível, com que nutrimos nosso corpo físico.

O *pão vivo* é a força cristônica operante no átomo do corpo imperecível que se vai formar dentro do perecível a fim de transformá-lo, por eliminação milenar, dos seus elementos de morte.

Quais são esses elementos de morte? Aqueles em que pode fixar-se a ação luciferina. O mistério da transubstanciação reside primariamente, fundamentalmente, na substituição dos átomos corpóreos *luciferados*, digamos assim, em átomos corpóreos, cristônicos.

Logo, o *eu sou o pão vivo* é o Cristo interno, individual, atuando, por meio dessa força descida do céu, no nosso corpo físico, fazendo assim nascer *de cima* outro corpo que acabará por transubstanciar o corpo nascido *de baixo*.

Passemos ao segundo *eu sou*. Aparece no capítulo VIII, versículo 12, mas todos os comentadores acham esse versículo inteiramente deslocado e assim é de fato. Deixemos, pois, esse capítulo ao seguinte, o nono. Aí vem o milagre da restauração da vista a um cego de nascença.

Os versículos correspondentes contêm altos ensinamentos esotéricos e o milagre vem muito a propósito para o versículo 5. Diz o Cristo: “Eu, entretanto, que estou no mundo, sou a luz do mundo”. Já sabemos o que significa isso: que o Cristo encerrado nos veículos da manifestação é a *luz* desses veículos.

Como, por qual processo aparece essa luz nos veículos materiais? Ser isso dito a propósito do cego de nascença, logo nos indica a solução do problema.

O cego de nascença vive nas trevas. Porque? Porque o veículo onde se opera a visão falhou. Qual é esse veículo? Todos sabemos que é um dos éteres, precisamente o chamado *éter luminoso*. Esse éter é o criador dos órgãos dos sentidos e das cores. Sem esses órgãos, nenhuma luz poderíamos ter nem do mundo externo, nem do interno.

Só temos noção do nosso mundo interno pelas impressões do externo. As impressões variam, contrastam-se, opõem-se e o eu interno, sentindo-se o mesmo ante a multiplicidade dos aspectos externos, *desperta* como dizemos, na consciência do plano mental.

Agora, atendei ao seguinte. Temos vista, ouvido, tato, olfato e gosto mercê do nosso éter luminoso: porém vemos, ouvimos, tocamos, cheiramos, gostamos como seres humanos nascidos *de baixo*. O homem inteiramente habitante só da terra, do *reino do meio*, sem nenhuma visão do mental superior, do primeiro plano espiritual, é, considerando o nascimento *de cima*, cego de nascença.

Pasmai agora do processo usado por Jesus para dar vista a esse cego. Jesus vai dar-lhe a visão de um homem nascido *de cima* e que faz? Vede os versículos 6 e 7 desse capítulo IX: “Dito isso, cuspiu na terra, fez um lodo com o cuspo e aplicou-lhe o lodo nos olhos e disse-lhe: “Vai lavar-te à piscina de Siloé ...” O cego lavou-se e adquiriu vista. Que significa a operação mágica? Há três elementos: a terra, a água da piscina, a saliva de Jesus. Que significam? Significam o batismo de terra, o batismo de água e o prana ou força cristônica encerrada no corpo do operador. Assim, bastam, para adquirir a vidência *de cima*, os dois batismo é a força cristônica, atuando onde? Precisamente neste onde está o segundo mistério, o do segundo eu sou: no éter luminoso, nascido *de baixo*. Assim como o Cristo interno atuou no corpo físico nascido *de baixo* para operar a transformação desse corpo perecível em corpo imperecível, necessário é que atue também no éter luminoso criador da vidência de baixo para transformá-lo em éter luminoso com a vidência de cima, a dos planos espirituais.

Passemos ao terceiro *eu sou*. Vem logo após o segundo, no capítulo X, desde o primeiro versículo. Diz o Cristo: 1. “Em verdade, em verdade vos digo que o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e roubador: 2. o que porém, entra pela porta esse é pastor das ovelhas”. Avisa depois que um porteiro abre a porta; que as ovelhas ouvem a voz do pastor e o seguem e fogem de qualquer estranho. Finalmente, no versículo 7, declara: “Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas” e repete a afirmação no versículo 9: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo, e ele entrará e sairá e achará pastagens”.

Consideremos os elementos que figuram nessa parábola: uma porta, um porteiro, um pastor, o ladrão e, finalmente, aquele que entrar pela porta. Os comentadores católicos e protestantes fizeram desses elementos tremenda confusão e nada explicaram. Acontece, porém, que, no versículo 16, se vem complicar o caso porque surge *outro aprisco* ou *redil*, com *outras ovelhas*. É natural que padres e pastores protestantes hajam visto, nesse aprisco, a Igreja, nessa porta, Jesus, passando a humanidade a ovelhas. Porém, tais foram as dificuldades suscitadas aos teólogos pelo texto que o tiveram de deformar

sem nenhum resultado. Sua interpretação é toda externa e nada tem com o *mundo* de que o Cristo se diz a *luz*.

Notai, antes de tudo, que, neste capítulo X, há dois *eu sou*, com diferença apenas de dois versículos. *Eu sou a porta* no versículo 9 e *eu sou o bom pastor* no versículo 11. Já no versículo 1 se fala na porta e no versículo 2 se fala no pastor. Vede como as duas afirmações estão correlacionadas intimamente.

O primeiro elemento mencionado é aquele que não entra pela porta, mas sobe por outra parte. Atentai bem neste sobe. Quem sobe vem de um ponto ou andar inferior. Esse que vem do andar inferior para o superior, sem servir-se da porta, é ladrão ou, mais que simples ladrão, $\chi \lambda \epsilon \pi \tau \eta \varsigma$ (cléptes) – salteador $\lambda \eta \sigma \tau \eta \varsigma$ (lestes).

O segundo elemento mencionado é a *porta*. Essa porta, já vimos, são os órgãos dos sentidos, veículos, das impressões externas acumuladas, no éter refletor, isto é, no subplano etérico vizinho ao plano astral. Essas impressões criam imagens e essas imagens gravam-se nesse mesmo éter refletor, aos milhares e milhões: visuais, auditivas, gustativas, olfativas e tácteis. Desse arquivo, a que chamam os hindus akáshico, é que se vão elaborar as emoções e com estas os sentimentos, tendências e desejos. Por isso, o plano astral se chama *corpo de desejos*.

De que consta esse corpo de desejos? Os que leram Max Heindel sabem que esse corpo tem sete subplanos, três inferiores, três superiores e um, o quarto, intermediário. É por esse quarto subplano que penetram para os demais todas as sensações solicitadas ao éter refletor para elaboração dos desejos. Exemplo: o aspecto de um quindim somado ao perfume do quindim, ao gosto do quindim, e até à consistência amanteigada do quindim, penetram na alma pelo quarto subplano e, fundidos nela despertam o desejo de saborear um quindim, desejo tão intenso, por vezes, que logo ativa as glândulas salivares e estomacais. Há desejos fundamentais, os de nutrição e reprodução do corpo físico e do etérico, desejos sinônimos de *necessidades*. Não sendo satisfeitos, tornam-se ladrões e salteadores, lobos vorazes e aves de rapina. O desenvolvimento da humanidade vai decuplicando esses desejos que, na escala mais baixa dos subplanos astrais, se podem resumir nos pecados capitais, sete ao todo: soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira, preguiça. Chamam-se capitais porque, diz o padre Dharbe em seu *Grand Catéchisme*, deles, como de fontes principais, decorrem os demais pecados. Da soberba, por exemplo, assinala o padre estes derivados: vaidade, ambição, hipocrisia, desobediência e resistência aos superiores, rispidez e severidade com os

inferiores, espírito de domínio, disputas, brigas, ingratidão, crueldade, irreligião, heresia, ódio a Deus, etc. Falei nisso porque vai servir-nos para uma explicação mais tarde.

Os apetites animais estão pois concentrados nos três subplanos inferiores. Os animais vivem quase exclusivamente deles.

O próprio amor materno animal é excessivamente egoísta. Nos animais, o astral, porta aberta do externo para o interno, as sensações do etérico não penetram pelo quarto subplano, sobem diretamente do *inferno* etérico e desencadeiam-se instintivamente sob a forma dos desejos vitais.

Quando, porém surge o *ego humano*, este reconhece o mundo exterior. Podemos dizer até que sua manifestação no mundo interno decorre das reações ao bombardeio constante das impressões do externo no astral. Então, o quarto subplano astral se abre no homem. Os desejos instintivos não reinarão sozinhos, destravados e desembastados, porque agora vai intervir, nas suas desmandadas correrias, rebojos convulsões, um elemento reconhecedor e selecionador. O *ego mental* do plano superior do astral intervém. Os instintos vão ter um guia, um inspetor, um coordenador. Esse não vai *subir* do inferno etérico para os três subplanos inferiores como ladrões e assaltantes. Vai entrar pela porta intermédia.

Qual o sentido da evolução, essa obra seletora? Desenvolver os três subplanos superiores, o plano dos sentimentos altruístas e contrapô-los aos egoístas inferiores.

Como opera esse inspetor? Instaura, nesse quarto subplano, um porteiro cuja missão é dupla: não deixar subir *pela outra parte*, isto é, dos subplanos inferiores, os ladrões, e permitir, abrindo a porta do quarto subplano ao inspetor, a criação do aprisco para as ovelhas.

Que são essas ovelhas? Os sentimentos e emoções contrapostas aos pecados capitais e seus decorrentes. As ovelhas contrapõem-se aos lobos, os sentimentos pacíficos aos selvagens, as emoções elevadas às torpes e cruéis.

Assim como os lobos têm vários nomes, de que vos dei exemplo, assim têm as ovelhas seus apelidos.

Ao elemento selecionador e ordenador dos sentimentos chama o evangelho de João o *bom pastor*. Porém, se há um bom pastor, este pressupõe um mau

pastor. Não fala nesse mau pastor o evangelista? Fala. Vede os versículos 12 e 13. Dizem assim: 12. Porém o mercenário, o não pastor, de quem não são próprias as ovelhas, vê vir o lobo e deixa as ovelhas e foge; e o lobo as agarra e dispersa; 13. porque é mercenário e não lhe interessam as ovelhas.

A distinção entre o bom pastor e o mercenário é claríssima se atendermos à oposição básica de carne e espírito, do nascimento *de baixo* e do nascimento *de cima*. A mente do nascido *de baixo* é mercenária porque se vende aos desejos, aos lobos, por ter postado, no quarto subplano, um porteiro fraco, uma vontade ineficaz. Então, surgem os lobos e as pobres ovelhas do aprisco superior, criadas a custo pela evolução, não sendo ovelhas próprias da mente, são devoradas ou dispersas.

Ao contrário, a mente do homem nascido de cima é *bom pastor*. Põe no quarto subplano um porteiro sempre mais forte. Com o nome de *repulsão*, ele repele os lobos desejosos de subir dos subplanos inferiores e, com o nome de *atração*, ele vai cuidando do aprisco e permitindo a entrada do pastor.

Esse pastor fala, chama as ovelhas por seus nomes: bondade, amor, justiça, compaixão, lealdade, paciência, perseverança, etc., etc. e as convoca para o serviço, serviço em abundância, diz João e a que ele no versículo 9, chama *pastagens*. Ele vai adiante das ovelhas, diz o versículo 4, e as ovelhas o seguem porque lhe conhecem a voz.

Todavia, no versículo 16, diz o Cristo: “Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco e importa que eu as traga e elas ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um pastor”.

Esse versículo é maravilhoso de absoluta precisão. Com efeito, qual a função da mente para o homem *nascido de cima*?

Cuidar apenas dos sentimentos no plano astral? Não, cumpre-lhe ainda cuidar especialmente dos *pensamentos*, da *atividade do seu próprio plano*. Esses pensamentos constituem o aprisco do plano mental.

Também aí atua o mercenário. A mente vendida aos instintos do astral inferior, desce a este astral, impregna-se das suas pesadas vibrações e leva-as para o seu plano onde forja pensamentos maléficos, pensamentos de soberba, avareza, gula, luxúria, etc.

A mente do *homem nascido de cima* desce ao astral para os três subplanos superiores e ali se impregna das altas vibrações estéticas, devocionais, har-

mônicas todas, e com elas penetra os pensamentos construtivos, tendentes ao plano seguinte do supra-mental. Aí, pois, reúnem-se sentimentos e pensamentos, as ovelhas dos dois apriscos e, neste caso, que sucede? Já não haverá dois apriscos nem dois rebanhos e, morto o mercenário, um só pastor haverá.

Em resumo, que é porta? É o Cristo interno atuando no plano astral para transubstanciar as emoções e sentimentos egoístas em emoções e sentimentos altruístas. O grego lhe chama Télema, isto é, a vontade selecionadora.

Quem é o bom *pastor*? É esse mesmo Cristo interno trabalhando no plano mental para transubstanciar os pensamentos destrutivos egoístas em pensamentos construtivos altruístas.

Entretanto, não pára aqui, o ensinamento profundo do evangelho de João.

Há dois versículos admiráveis o 17 e o 18 onde João revela o processo psicofisiológico da atuação da força cristônica nos sentimentos e pensamentos. Na Vulgata, o primeiro versículo diz, textualmente traduzido: “17. Por isso, o Pai me estima porque eu ponho minha alma para depois a levantar”.

Evidentemente, não há sentido nisso. E então, os tradutores da Vulgata, em geral, traduzem como o padre Antonio Pereira de Figueiredo, assim: “Por isso meu Pai me ama, porque ponho minha vida para outra vez a assumir”. Nessa tradução o *animam* da Vulgata foi traduzida por *vida*. Se consultarmos o célebre comentarista espanhol Maldonado, vê-lo-emos dar um passo adiante: traduz o *pono*, ponho, por *dou*. Assim, em vez de *ponho a alma* sai *dou a vida*. Dess’arte um muda uma palavra, outro muda outra e os textos mais profundos se deformam assumindo outro sentido, conforme o mal tradutor. Ora, já a Vulgata adulterou o sentido exato dando uma tradução sem significação alguma. Em que consistem as adulterações? No seguinte: 1. a vulgata traduz o grego (títhem) pelo latim *pono*, termo geral, como o nosso *coloco*; certo, porém inexpressivo, porque o correto, neste caso, é *aplico*; traduz (psykhén) por *animam*, tradução certa, porém inexpressiva, porque se refere à *alma* de Cristo; traduz o verbo (labo), por *sumam*, tradução certa mas inexpressiva, como o verbo português *tomar* ou o mesmo *tomar* de Maldonado, ou o *assumir* de Figueiredo.

Vejamos o sentido para mim real e preciso do versículo. Como é que Cristo atua sobre as ovelhas, quer dizer, sentimentos e pensamentos do rebanho único? Naturalmente por um processo de purificação. Para isso, aplica sua força, digamos, sua virtude crística a tais sentimentos e pensamentos e de-

pois, purificados eles, recolhe essa força para que eles se desenvolvam e cresçam por si mesmos.

Esse processo agrada ao Pai, quer dizer, é o mais consentâneo com a evolução espiritual. O versículo XIII é traduzido da Vulgata, *ipsis verbis*, pelo padre Figueiredo: “Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a ponho e tenho poder de a por e tenho poder de a reassumir: este mandamento recebi de meu Pai”. Pelo que explicamos para o 17, resume-se tudo no seguinte: no processo de purificação ou melhor transubstanciação, sentimentos e pensamentos, digamos, vibrações astrais e mentais, não absorvem força cristônica; apenas, tornam passivas, recebem a vibração cristônica e essa força é que opera a transmutação. Depois, a força é recolhida sem nada permanecer nas vibrações do discípulo. Estas, purificadas, vão trabalhar por si até descer novo influxo. Isso faz reiteradamente por meses e anos, até conseguir-se a transubstanciação perfeita.

O quinto *Eu sou* foi proferido por ocasião da ressurreição de Lázaro.

Está no capítulo XI, versículo 25. A Marta que duvidava da afirmação de Jesus: *Teu irmão há de ressurgir*, respondeu: “*Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto viverá*”.

No versículo 17, diz-se que Lázaro era morto havia *quatro dias*. No entanto, no versículo 6, conta-se isso: “Tanto que ouviu, pois, que Lázaro estava enfermo, deixou-se ficar ainda dois dias no mesmo lugar”. Passados esses dois dias, voltou da Betânia, onde estava, a Jerusalém, apenas a 15 estádios de distância. Ora, se Jesus se demorou apenas dois dias e Lázaro só morreu durante sua viagem, como estava sepultado havia *quatro dias*?

Grande mistério para os comentadores. Para os gnósticos nenhuma dificuldade existe. O batismo pela água habilita o homem do plano mental, pois creu em Cristo, isto é, se entregou a sua força ascensional, a subir ao mental superior. Todos os gnósticos chama a isto de novo nascimento ou a ressurreição, porquanto, na terra, isto é, no astral e no mental, ele é considerado morto. Lázaro é esse morto que vai ressurgir para o supramental por ação da força cristônica.

Se olharmos para o esquema dos planos de evolução, veremos que abaixo do mental superior, há os dois planos da terra e os dois do inferno. Lázaro veio desse mundo inferior, desses quatro subplanos; por isso, diz o evangelho, estivera ele sepultado havia quatro dias.

Não posso expor-vos aqui a doutrina de Steiner sobre essa ressurreição de Lázaro. Para ele, foi uma iniciação cristã inaugurada por Jesus em oposição à antiga dos sacerdotes. Seja como for, a afirmação: *eu sou a ressurreição e a vida*, significa a entrada do discípulo ao primeiro plano espiritual. Aí vai ele adquirir a *vida*, pois estava morto. Essa *vida*, entretanto, é precária, porquanto, no plano supramental, ainda está sujeito à *morte*, isto é à reencarnação na terra. Assim, de passagens contínuas de um a outro plano, idas e voltas, experiências durante as quais trabalha intensamente a *dor*, se vai o ego desfazendo de seu milenar *karma*.

Eu sou a ressurreição e a vida é pois o Cristo interno atuando no karma individual para operar a transubstanciação do mental superior.

As escórias dos quatro corpos inferiores vão ser desprendidas e um novo-corpo, o *causal*, se vai formar, pouco a pouco, através de sete subplanos, até alcançar o ego o plano cima, chamado *búdico*.

A este o discípulo ascende, mediante o batismo de ar, após sua última encarnação na terra.

O sexto *eu sou* está no capítulo XIV, versículo 6 . A Tomé que protestava não saber o caminho por onde ir, o Cristo replicou por boca de Jesus: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”. Muito deu que fazer aos comentadores adivinhar o motivo dessas três palavras e nessa seqüência, quando Jesus poderia ter dito outras muito diferentes, em outra ordem. O esforço deles foi inteiramente baldado. Ora, as palavras não foram escolhidas a esmo. São precisamente essas e não poderiam ser outras e a ordem é a mais expressiva.

Eu vos disse que o batismo do ar faz o probacionário passar do plano mental superior ou manas, ao plano búdico.

Então, concluireis que as palavras: *eu sou o caminho, a verdade e a vida* se referem a esse plano. Sem a menor dúvida e essa perfeita adequação das três palavras aos três característicos do plano búdico é realmente impressionante.

Vejamos estes característicos:

Primeiro: é o *caminho* achado após milênios de zig zagues, idas, voltas, quedas desastrosas e falsas ascensões. Gautama, o Buda, assentou a *senda óctupla*, os oito modos ou processos indispensáveis para o indivíduo con-

seguir a senda única.

Entretanto no plano búdico, livre o peregrino dos desejos, causa única dos erros, não poderá errar mais, pois achou o *caminho* definitivo, sem atalhos, nem rodeios.

Segundo: ao entrar no plano búdico, o che lá desfez o último véu de *maia*, da ilusão material e consegue ver o mundo tal qual é; consegue a *verdade*.

Terceiro: ao entrar no plano búdico o probacionário livrou-se das reencarnações, isto é, da morte no plano terreno. Adquiriu, não a simples *vida* espiritual do plano mental superior, vida precária, sujeita a mortes senão a vida perpétua, verdadeira. A seqüência das palavras é perfeita. Ver a verdade é consequência de haver conseguido o caminho com a morte dos desejos. E a vida perpétua é consequência de haver visto a verdade, libertando-se da ilusão material. *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* é pois o Cristo interno atuando nos átomos do plano búdico para mais subtilizá-lo nos seus sete subplanos e prepará-los para o batismo de fogo ao entrar no plano átomico.

O sétimo *eu sou* está logo no primeiro versículo do capítulo XV:

1. Eu sou a vinha verdadeira e meu Pai é o agricultor. 2. Toda vara em mim que não dá fruto ele a tira e toda que dá fruto ele a limpa para que mais abundante dê. 3. Vós já estais puros mercê da palavra que vos disse. 4. Permanecei em mim e eu em vós. Assim a vara não pode dar fruto por si mesma se não permanece na vinha, assim vós, se não permanecerdes de mim e assim por diante. Se lerdes os capítulos 15, 16 e 17, capítulos cheios de repetições inúteis e certamente

Lembrai-vos de que no evangelho de Mateus, disse o Cristo aos discípulos: desta hora em diante, não beberei mais de fruto da vinha até aquele dia em que o beberei de novo convosco no reino de meu Pai.

O vinho que eles bebiam na ceia era vinho de vinha material, vinha nascida e crescida na região da sombra da morte, o primeiro plano da evolução vital no sistema planetário.

Agora, no evangelho de João, ao despedir-se dos discípulos, no sétimo e último plano da evolução, ele diz ser a vinha verdadeira. Nesse evangelho declara que vai deixar os discípulos porque eles já estão puros como seu verbo e já conhecem o Pai.

Notai a conexão das duas vinhas, uma a verdadeira, contraposta à outra, não verdadeira.

Os padres católicos levantam a seguinte dúvida: Porque se comparou o Cristo à *vinha* e não a outra árvore, como a oliveira, produtora do azeite.

Interessante a pergunta porque não souberam dar solução. A solução entretanto é fácil. No *eu sou a vinha verdadeira* já o Cristo atua no *espírito* dos discípulos. Eles, ao entrar no plano átomico receberam o batismo de fogo e ao término, no último dia, vão ser exaltados em *espírito*. A força cristônica vai atuar para extinguir os últimos resíduos. Se a comparação fosse com a oliveira, o fruto da oliveira que bebessem os queimaria deixando resíduos. Vede como o fogo do azeite suja de carvão os utensílios. A vinha dá um produto cuja queima não deixa resíduos e que se chama popularmente: espírito de vinho, já em latim *spiritus vini*.

No plano átomico, só um fogo sem resíduo poderia purificar definitivamente o discípulo já quase livre da ação da força cristônica.

O Cristo é agora a vinha verdadeira, a do último plano e não a do primeiro. Muito haveria que falar no esoterismo da ceia, da lavagem dos pés e dos discursos da despedida, da negação de Pedro, etc.

Ficará para outras ocasiões.





Aula Lucis Central - RJ

A Fraternitas Rosicruciana Antiqua é uma instituição que tem por objetivo a felicidade dos seres humanos, sem distinção, estudando, investigando todos os problemas que se relacionam com a sua origem, evolução e destino.

Para atingir essa finalidade, utiliza-se dos métodos preconizados pelo Rosicrucianismo antigo e medieval e atualiza os seus conhecimentos de caráter filosófico, científico e espiritual, utilizando-se das experiências adquiridas através das Escolas Iniciáticas ou Herméticas.

As suas portas estão sempre abertas para todos os investigadores sinceros e bem intencionados que queiram assumir seriamente para tal fim, os imprescindíveis compromissos de honra e que estejam dispostos a trabalhar pelo próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento material, mental e espiritual.

Joaquim Soares de Oliveira 1º Comendador da FRA no Brasil

Fraternitas Rosicruciana Antiqua Aula Lucis Central

Rua Sabóia Lima, 77 - Tijuca
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Cep: 20521-250
Tel: (0XX 21) 2254-7350
Site: <http://www.fra.org.br>
E-mail: fraternitas@fra.org.br
© Copyright